PEDAGOGIAS DE GÊNERO NO INSTAGRAM: INFLUENCIADORAS E PROCESSOS EDUCATIVOS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Talia Carolayne Tomaz Borges [1]
Juliana do Prado [2]

RESUMO

As redes sociais assumiram um papel significativo nos processos de comunicação, socialização e produção de subjetividades, operando como espaços pedagógicos capazes de ensinar comportamentos, valores e identidades. Nesse sentido, a presente pesquisa analisa o Instagram enquanto ambiente de produção de pedagogias culturais relacionadas às normas de gênero heteronormativas e conservadoras. O estudo parte da observação do movimento "Tradwife", identificado pela valorização de papéis tradicionais de gênero, porém se concentra na análise dos perfis de uma influenciadora brasileira voltada à promoção da feminilidade. A pesquisa procura compreender quais concepções de gênero são produzidas e compartilhadas por meio dos discursos da influenciadora, considerando a valorização da submissão conjugal, maternidade e religião. Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa fundamentam-se nos Estudos de Gênero, Sociologia Digital e Educação, bem como adota uma abordagem qualitativa e utiliza a netnografia e a análise de conteúdo como procedimentos metodológicos. As análises preliminares indicam que os conteúdos publicados atuam na construção de modelos normativos de feminilidade, operando como currículos informais de gênero. A pesquisa evidencia que o Instagram pode ser compreendido como um espaço educativo não formal, no qual os discursos atuam como práticas reguladoras voltadas à reiteração de padrões tradicionais de feminilidade.

Palavras-chave: Pedagogias culturais. Gênero. Instagram.

ABSTRACT

Social media has assumed a significant role in processes of communication, socialization, and the production of subjectivities, operating as pedagogical spaces capable of teaching behaviors, values, and identities. In this context, the present research analyzes Instagram as an environment for the production of cultural pedagogies related to heteronormative and conservative gender norms. The study begins with the observation of the "Tradwife" movement, identified through the valorization of traditional gender roles, but focuses specifically on the analysis of the profiles of a Brazilian influencer dedicated to the promotion of femininity. The research seeks to understand which conceptions of gender are produced and shared through the influencer's discourses, considering the valorization of marital submission, motherhood, and religion. The theoretical framework of the study is grounded in Gender Studies, Digital Sociology, and Education, while adopting a qualitative approach and using netnography and content analysis as methodological procedures. Preliminary analyses indicate that the published content contributes to the construction of normative models of femininity, operating as informal gender curricula. The research demonstrates that Instagram can be

[1] Mestranda no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Unidade de Paranaíba) , linha de pesquisa 3: Linguagem,Educação e Cultura. Bacharel em Direito pela UEMS/Paranaíba, e-mail talia.carolayne@gmail.com;
[2] Doutora em Sociologia (UFSCar), Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Coordenadora adjunta do mestrado profissional de Sociologia - UEMS/Paranaíba, E-mail ju.doprado@uems.br.

understood as a non-formal educational space in which discourses operate as regulatory practices aimed at reiterating traditional patterns of femininity.

Keyworks: Cultural pedagogies. Gender. Instagram.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas ocorreram transformações tecnológicas que produziram mudanças significativas nas formas de comunicação, socialização e produção de conhecimento. As redes sociais emergem nesse cenário como plataformas de circulação de discursos por meio de imagens e vídeos capazes de influenciar comportamentos e valores de seus usuários. Nesse sentido, a pesquisa analisa as redes sociais enquanto espaços pedagógicos nos quais são ensinados modos de ser e produzidas subjetividades, com enfoque em normas de gênero heteronormativa e conservadora.

Inicialmente, passei a observar o movimento internacional "Tradwife, traduzido como "esposa tradicional", que se tornou tendência em meados de 2020 e segue crescendo nas redes sociais. O interesse de seus adeptos consiste na retomada de um modelo norte-americano de dona de casa dos anos 1950 e 1960, caracterizado por papéis tradicionais de gênero, nos quais as mulheres escolhem se tornar donas do lar, responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos. Entretanto, ao analisar esse movimento nas redes sociais por meio das hashtags, especialmente no Instagram, deparei-me com a predominância de influenciadoras internacionais tratando do tema. Porém, ao observar o cenário nacional, percebi que discursos semelhantes apareciam sob outras nomenclaturas, entre elas "dona de casa", "esposa troféu" e "feminilidade". Assim, ao explorar os conteúdos contidos nas hashtags, cheguei ao campo desta pesquisa: os perfis do Instagram de uma influenciadora brasileira, mulher branca, heterossexual, casada e mãe, com cerca de 30 anos.

A criadora digital possui dois perfis distintos. O primeiro, e principal, com cerca de 1 milhão de seguidores, é direcionado para sua escola de feminilidade. Nessa conta, as publicações são diárias, composta por vídeos e imagens que trazem discursos ensinando mulheres a serem mais femininas, prometendo torná-las mais atraentes e confiantes, transformando suas aparências, mentalidade, autoestima e vida emocional. Esse perfil direciona ainda para um site externo, denominado como "Instituto Feminina" (nome fictício), destinado para à venda de cursos que supostamente promovem uma "formação completa" em feminilidade. O segundo perfil apresenta caráter pessoal, exibindo retratos da vida privada da influenciadora e aparentando desejar construir conexões e vínculos de intimidade com o público. É possível observar essa intenção na frase presente em sua descrição: "& irmã mais velha de todas vocês", fazendo referência a um laço de proximidade e identificação com seus seguidores.

Diante disso, esse trabalho busca compreender quais concepções de gênero são produzidas pelos discursos dessa influenciadora, que operam pedagogias de feminilidade, considerando ainda a ênfase na dedicação exclusiva ao trabalho doméstico e na submissão conjugal. Nessa perspectiva, uma das hipóteses levantadas consiste no fato de que o Instagram atua como um espaço educativo não formal que legitima identidades por meio de discursos normativos de gênero, contribuindo para a produção de subjetividades femininas associadas a valores conservadores, além de promover a deslegitimação das pautas emancipatórias em defesa de uma "natureza" feminina destinada ao cuidado do lar e da família. Dessarte, a análise contempla conteúdos publicados entre junho de 2024 e junho de 2025.

A pesquisa adota um enfoque qualitativo, voltado à análise dos conteúdos selecionados, porquanto o interesse reside em interpretar os sentidos, práticas e complexidades presentes nos discursos analisados, possibilitando, assim, uma compreensão aprofundada do objeto investigado.

Conforme afirmam Marconi e Lakatos (2022), o interesse da pesquisa qualitativa não é explicar, mas compreender os fenômenos considerando os contextos nos quais ocorrem, uma vez que que sua atenção se direciona aos aspectos específicos e peculiares do fenômeno investigado. Cardoso et al (2021) discorrem ainda que a análise de conteúdo constitui um procedimento importante para o processo investigado no campo das Ciências Sociais, visto que considera a subjetividade e reconhece que não há neutralidade entre pesquisador, objeto de pesquisa e contexto. Podendo ser constituídos de materiais de comunicação verbal ou não-verbal que passarão por uma análise sistemática a fim de se extrair os conteúdos ocultos.

A imersão no campo de pesquisa foi guiada pelo método da netnografia, elaborado pelo professor Robert Kozinetz (2014), que a compreende como uma pesquisa observacional participante realizada no campo online, no qual os computadores passam a mediar as comunicações que se tornam fonte de dados. O emprego dessa prática evidencia a importância das comunicações publicadas digitalmente na vida de seus membros e sobre a cultura. Assim, as incursões realizadas nos perfis do Instagram da influenciadora priorizaram a análise dos conteúdos discursivos, simbólicos e pedagógicos das postagens, motivo pelo qual foram selecionadas publicações postadas no feed ao longo de um ano. Considerando a grande quantidade de conteúdos e frequência diária de postagens, foram escolhidas cerca de uma a duas postagens por dia, com algumas exceções.

Um fator de grande relevância nesse processo foi manter a identidade de pesquisadora ocultada, isto é, não houve qualquer interação direta com a influenciadora ou outros envolvidos durante a coleta de dados. As observações e análises partiram exclusivamente de conteúdos publicados nos perfis, bem como das informações disponibilizadas pela plataforma, como número de curtidas e comentários. Portanto, conforme discorre Marcio Noveli (2010), como estratégia de fortalecimento metodológico, foi aplicado uma observação não obstrutiva, permanecendo em anonimato para possibilitar uma coleta de dados sem interferências, uma vez que a interação com a comunidade poderia resultar em alterações comportamentais, fato não almejado para essa pesquisa. Por fim, os dados obtidos pela análise de conteúdo serão articulados à pesquisa bibliográfica, possibilitando relacioná-los com referenciais teóricos sobre Pedagogias de Gênero, Estudos de Gênero, Sociologia Digital e Educação. Essa etapa é, segundo Amaral (2007), fundamental para o trabalho, por propiciar o embasamento teórico sobre o qual o trabalho está alicerçado, influenciando todas as etapas da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a busca por referenciais teóricos a professora Guacira L. Louro (2008) assume especial destaque em razão de seu conceito de pedagogias culturais, que compreende que o gênero e a sexualidade são ensinados pelos discursos compartilhados repetidamente pela mídia, igreja, legislação, movimentos sociais e pelas tecnologias. É nesta última que este trabalho se debruça: as redes sociais como espaços de educação não formal. Considerando a intensa circulação de informações nesses ambientes virtuais, torna-se essencial observar como atuam como ambientes pedagógicos, analisar os discursos mobilizados pela influenciadora permite identificar as subjetividades e normas de gênero que ela busca naturalizar. Tais discursos se repetem em diferentes formatos, sejam eles imagens, vídeos ou textos, esse processo de exposição reiterada promove a identificação e culmina em sua reprodução.

Ao analisar os perfis, uma das primeiras constatações consiste no fato de se tratarem de contas direcionadas especificamente ao público feminino, sobretudo a mulheres que se encontram sobrecarregadas com os pesos da independência. É justamente esse sentimento de vulnerabilidade que essas mulheres passam a ser ensinadas sobre feminilidade, aprendendo repetidamente comportamentos, valores e subjetividades atreladas a uma dicotomia de gênero feminino e

masculino. Sob essa ótica, Louro (2008) discorre que a construção dos gêneros ocorre ao longo da vida por meio das aprendizagens e práticas apresentadas, explícita ou implicitamente, por diferentes instituições sociais e culturais.

Nessa conjuntura, as publicações apresentam conteúdos que reforçam a ideia de um gênero natural e necessário, aspecto observado nos papéis de gênero tradicionais. Essa intenção manifesta-se na medida em que a influenciadora determina quais seriam os comportamentos considerados femininos e estabelece limitações relacionadas ao uso de determinadas roupas, ao tom de voz adequado, ao comportamento corporal (associado à delicadeza e leveza), à contenção emocional e à valorização da figura masculina, entre outros aspectos. Atualmente, nos encontramos imersos nas redes sociais e, por vezes, existem dificuldades em separar o online do offline, situação que, segundo Louro (2008), transforma esses ambientes em potentes pedagogias, uma vez que estamos constantemente envolvidos em conselhos, ordens e mecanismos de controle e censura.

Os estudos da filósofa Judith Butler (2003) também contribuem para esta pesquisa, uma vez que a autora compreende que o gênero é culturalmente construído, ou seja, os significados culturais são assumidos pelo corpo sexuado. Contudo, a noção de uma identidade "mulher" é impugnada pela distinção entre sexo e gênero. Existe uma concepção primária de que o sexo seja binário em sua morfologia, porém diversas questões que contestam o seu caráter imutável, trazendo à tona a possibilidade de ele também ser culturalmente construído. O gênero, nesse sentido, designa o aparato de produção por meio do qual os sexos são determinados, bem como o meio discursivo e cultural que produz e estabelece um "sexo natural" como pré-discursivo, anterior à cultura.

Nessa perspectiva, Butler (2003) questiona como as práticas reguladoras de formação de gênero binário estabelecem a identidade, cuja coerência interna decorre das normas de inteligibilidade socialmente construídas e perpetuadas. Em decorrência disso, identidades respaldadas por pré-conceitos de sexo, gênero e sexualidade entram em conflito diante da emergência cultural de sujeitos que não se adequam as normas de gênero inteligíveis. Louro (2008) agrega à discussão ao apontar que os movimentos sociais compreenderam a necessidade de acessar e controlar os espaços culturais, como mídias, televisão e jornais, historicamente dominados pelo padrão do homem branco heterossexual, responsável pela construção de representações sociais, pela concepção de mulheres como "segundo sexo" e a instituição de sexualidades desviantes. Entretanto, os setores tradicionais passaram a reformular suas estratégias de ataque, fato que é observado nesta pesquisa, visto que os perfis analisados defendem a retomada de valores tradicionais ao alegarem que as mulheres estariam se afastando da feminilidade.

Assim, as publicações realizadas de forma massiva em suas contas operam como práticas reguladoras ao estabelecer padrões de comportamento e modos de ser. A regulação punitiva dos corpos faz parte de um esforço social direcionado à normatização dos sujeitos. Connell e Pearse (2015) reforçam essa compreensão ao discorrerem que a propagação de ideias acerca de comportamentos adequados para cada gênero é realizada não apenas por aqueles que legislam, mas também nas ações de pais, mães, professoras, padres, apresentadores, publicitários, etc. Eventos de grande proporção realizados e divulgados nas mídias sociais corroboram na criação de diferenças entre masculinidades e feminilidades. A identidade de gênero pode ser entendida, nesse contexto, como a sensação de pertencimento a uma determinada categoria social, isto é, quem se é por consequência de ser mulher ou homem, ideia que não preexiste ao nascimento, mas que se desenvolve ao longo da vida.

Destarte, Butler (2003) introduz o conceito de performatividade ao afirmar que o gênero é produzido por práticas reguladoras e reiteradas socialmente. Compreende-se, portanto, que diante da performance ele constitui a identidade que teoricamente é, ou seja, não existe identidade de gênero que antecede as expressões de gênero, porquanto ela é performaticamente constituída pelas próprias expressões tidas como resultado. Nesse sentido, é possível observar que a pedagogia de

gênero se manifesta nas mídias digitais por intermédio da promessa de harmonia conjugal, prosperidade e da felicidade, supostamente alcançadas mediante a adesão à performatividade feminina, ensinada e reiterada pela influenciadora. No conjunto de dispositivos pedagógicos desprendidos por ela, há uma verdadeira formação da feminilidade, constituindo identidades e estabelecendo hierarquias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais vêm assumindo papel significativo nos processos de formação cultural, produção de subjetividades e circulação de discursos sobre gênero. As análises realizadas permitiram compreender que o Instagram como um espaço educativo não formal, no qual influenciadoras atuam como agentes pedagógicos no ensino de modelos específicos de feminilidade. Nessa perspectiva, os conteúdos publicados pela influenciadora investigada operam como pedagogias culturais, constituindo curriculum informais de gênero. Ademais, as observações preliminares indicam que os discursos compartilhados nas contas articulam aspectos afetivos, religiosos e de mercado, na produção de modelos de feminilidade que estão vinculados à valorização de relações heteronormativas, no qual a mulher assume papel doméstico e o cuidado dos filhos.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa é que as mídias digitais participam ativamente na produção de subjetividades, por meio da construção e legitimação de normas de gênero. Assim, compreender as redes sociais como espaços culturais torna-se fundamental para os estudos no campo da Educação, especialmente levando-se em conta a crescente influência desses ambientes para a formação social dos indivíduos na contemporaneidade. Por fim, espera-se que esse trabalho contribua para as discussões sobre gênero, pedagogias culturais e sociologia digital e, sobretudo, ampliar os debates sobre os processos educativos em espaços não formais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, 2007. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero:** uma perspectiva global. Tradução de Marília Moschkovich. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. Atualização de João Bosco Medeiros. 8. ed. Barueri, SP: Atlas, 2022.

NOVELI, Marcio. **Do off-line para o online:** a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? Revista Organizações em Contexto, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 12, p. 107-133, jul./dez. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade:** pedagogias contemporâneas. Pro-Posições,

Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt